

EU, UM CALVINISTA? E O QUE FAÇO COM O RESTO DA BÍBLIA?

OLSON, Roger. *Contra o calvinismo*. Tradução de Wellington Carvalho Mariano. São Paulo: Reflexão, 2013. 300 p.

por Josemar Valdir Modes¹

O autor Roger Olson escreve o livro *Contra o calvinismo*, publicado pela editora Reflexão. Em seu prefácio esclarece que não é contra os calvinistas (apesar do título), e nem mesmo rejeita em sua totalidade as doutrinas reformadas. Ele apenas não concorda com todas as doutrinas, expondo-as em sua obra. Diz ainda que se sente ofendido pela forma preconceituosa como o calvinismo se posiciona, declarando ser o cristianismo autêntico. Em sua abordagem, explica os motivos que o levaram a escrever o livro, o que é a teologia reformada, o que é o calvinismo e as refutações aos seus principais argumentos teológicos.

A escrita do livro se dá diante da explosão de um movimento contemporâneo denominado “*jovem, incansável e reformado*”, impulsionado por pregadores, como John Piper, que buscam despertar a igreja para a falta de conhecimento teológico em seu meio, principalmente entre os mais jovens. O estudo aprofundado da teologia reformada é apresentado como a solução para este dilema e muitos jovens têm sido influenciados por esta visão, apegando-se a esta teologia arbitrária com a ostentação

¹O autor da resenha é graduado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira e possui mestrado em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. É professor e coordenador de graduação da Faculdade Batista Pioneira. E-mail: dinho@batistapioneira.edu.br

de ser bíblica, e que muitas vezes faz de Deus o criador do mal, chegando ao ponto de causar dificuldades em se discernir quem é Deus e quem é Satanás na história. É para auxiliar estes jovens a pensar sobre teologia que o autor escreve o livro.

Em seu segundo capítulo, o autor dedica-se a mostrar o quanto a expressão *teologia reformada* pode ter inúmeras conotações e expressões. Destaca teólogos renomados, tidos como defensores da teologia reformada, porém com conceitos diferentes acerca dela. Com isso, mostra que dizer meramente que alguém segue a teologia reformada não expressa muito sobre os aspectos teológicos seguidos por tal pessoa. Esclarece ainda que, apesar das divergências, há sim pontos em comum na teologia reformada (como sua ligação com a Reforma Protestante dos teólogos Ulrich Zúinglio e João Calvino, a ênfase na soberania de Deus e a confessionalidade da fé reformada), mas tais pontos nem sempre são tomados como centrais por quem estabelece o que é denominado como teologia reformada.

O autor segue então explicando o calvinismo e suas crenças, destacando que ele é apenas parte da tradição reformada. A teologia calvinista defende as seguintes doutrinas: 1) depravação total (tudo no ser humano e todo o ser humano); 2) eleição incondicional (tanto para a salvação como para a condenação); 3) expiação limitada (ponto que não encontra respaldo na teologia de Calvino); 4) graça irresistível (a regeneração acontece antes da manifestação do arrependimento e da fé, que são produto de um coração transformado) e 5) perseverança. A estes pontos, o autor acrescenta a soberania meticulosa, absoluta e total de Deus, ao ponto de conceber e realizar o mal. O autor faz críticas a cada aspecto desta teologia, afirmando que não estão em consonância com o amor de Deus manifesto nas Escrituras. Defende ainda o arminianismo clássico, não caricaturizado pelo calvinismo e que tem duas convicções basilares: uma autolimitação voluntária da soberania de Deus e a manifestação de arrependimento e fé como fruto da graça proveniente que convida o ser humano.

Nos capítulos seguintes, o autor reporta-se a refutar algumas doutrinas calvinistas, a começar pelo que ele chama de *determinismo divino*. Segundo esta concepção, vinda dos reformadores e de Edwards, tudo está determinado, em seus mínimos detalhes, e nem mesmo Deus foge disso. Na criação, por exemplo, Deus não tinha liberdade de escolha. A sua concretização é uma necessidade para Deus (não uma manifestação da Sua graça), o que torna Deus dependente do mundo para a Sua glorificação, devido ao decreto, e torna a criação parte do que Deus é, uma espécie de panteísmo. Para o autor, esta visão acerca de Deus torna o Criador um monstro

moral, pois Ele é responsável por tudo o que acontece, inclusive o mal. A reputação de Deus não é considerada neste ponto e a responsabilidade dos atos é retirada do ser humano.

Ao falar sobre a eleição incondicional, o autor argumenta que, ao se defender a predestinação única (a favor de alguns), esta defesa inevitavelmente se tornará predestinação dupla, ou seja, uns para a salvação e outros para a perdição eterna. Esta visão torna Deus ambíguo, pois trata pessoas de formas diferentes, sendo que todas são pecadoras. Sua bondade não encontra nenhuma analogia com a bondade humana e nem mesmo pode ser considerada bondade. A autoglorificação de Deus, usada como subterfúgio para a explicação dos atos de Deus, sobrepuja qualquer outro atributo e torna incompreensível o autoesvaziamento de Deus registrado em Filipenses 2. Causa dúvidas ainda acerca do critério de Deus ao escolher e, dependendo da conclusão, Deus se torna arbitrário ou então age com base no mérito do ser humano, o que contradiz o calvinismo. Nesta dimensão, ainda se têm dificuldade em conceber um convite sincero à aceitação do Evangelho, uma vez que o pregador sabe que alguns do seu auditório foram selecionados por Deus para o inferno e não há o que fazer acerca disso.

Referindo-se à expiação limitada, o autor afirma que teólogos calvinistas decretam como universalistas aqueles que se opõem a este conceito, pois se a morte de Cristo é por todos então salva a todos. Explicam, sobre a limitação da expiação, que a morte de Cristo foi grande o bastante para todos, mas Deus não a planejou para todos. Alguns até alegam que o sacrifício de Jesus traz benefícios a todos, mas não o mesmo benefício (no caso a salvação), dando de certa forma a algumas pessoas um pouco do céu agora para serem lançadas no inferno futuramente. Vale destacar que esta não era a posição de Calvino sobre a expiação! Dizer que a expiação universal leva à salvação universal representa não considerar a lacuna entre a morte de Cristo e a aplicação de seus benefícios à vida da pessoa.

Sobre a graça irresistível, o autor a define como *monergismo*, no qual uma pessoa é responsável por toda a ação. Alguns círculos calvinistas consideram a ideia de sinergia (o contrário de monergismo; o homem participa da salvação) uma teologia advinda do catolicismo, não sendo uma ideia reformada. Não sabem que Lutero e outros movimentos reformistas foram grandes defensores desta ideia. Um exemplo do absurdo deste pensamento se vê quando o lamento de Jesus por Jerusalém é colocado num contexto de graça irresistível. Neste caso, Jesus estaria se lamentando pela dureza do coração de Deus em não querer que aquelas pessoas viessem até Ele,

uma vez que é Deus quem as traz. Em sua perspectiva, tornam Deus o culpado pelo destino eterno do ser humano, alegando que tudo é para a glória dele (inclusive a perdição de muitos) e que esta é a forma de Deus demonstrar amor. A graça irresistível sem o acompanhamento da salvação universal torna Deus alguém que não é bom e que não ama. Estes princípios violam completamente a dimensão de relacionamento que exige a mutualidade.

Ao encerrar o seu livro, o autor destaca alguns enigmas que o calvinismo enfrenta: o ser humano é punido por algo que não consegue evitar fazer; tudo é determinado por Deus e para a Sua glória, com isso o ser humano não deveria ficar ofendido com o que há de ruim no mundo; como Deus consegue, sem ser arbitrário e sem levar em conta o que o ser humano faz, escolher as pessoas para a salvação?

O autor escreve sua obra de forma clara, baseando seus argumentos sobre o calvinismo nos próprios escritos de Calvino e nos seus principais seguidores. Ele mostra preocupação gritante com o que é chamado de “conhecimento teológico” e que não passa de bitolamento intelectual. Crítica a exegese infantil e carente de conhecimento dos originais para textos que falam o contrário daquilo que a teologia defende, fazendo a Escritura dizer o que não diz. Fica claro em seus argumentos que muitos se consideram calvinistas mas nem mesmo sabem sobre o que falam e não têm noção dos textos bíblicos que precisarão retirar das suas Bíblias para defender tal posicionamento. Mostra que muitos batistas se consideram calvinistas pelo simples fato de crerem na segurança eterna da salvação - crer desta forma é ser batista e não calvinista. A obra é amplamente recomendada a todos que têm algum conhecimento na área, principalmente aos que se consideram calvinistas.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional